

A dor e a delícia de ser goy fazendo o violinista no telhado

CHARLES MÖELLER

Assisti a uma pequena produção do musical um “Violinista no Telhado” em 2009 em Londres e fui tomado por um sentimento que nunca havia experimentado: uma saudade sem fim da minha infância, da minha casa com meus pais e irmãos, da minha cidade, minha aldeia. Queria morar em Anatveka, mesmo com todos os riscos, pertencer àquela gente que sorri mesmo enfrentando as piores mazelas e que encara a vida se equilibrando num telhado, mas sem nunca deixar a música delicada de um violino parar de soar! Senti uma generosidade infinita vindo daqueles habitantes do vilarejo e um humor salvador! Queria ter aquele pai que mesmo na miséria está aberto à discussões e mudanças! Queria ser um filho de Tevye e, principalmente, gostaria de ter a intimidade com o tão querido Deus. Quem era esse Deus, tão próximo, tão confidente e, por vezes, tão injusto? Esse Deus sempre presente? Saí do teatro amando essa obra e frustrado por parecer um projeto impossível pra mim! Esse universo não me pertencia, ou achava que não, pois sou Goy. Nunca poderia dirigir e nem dar minha opinião a respeito de uma obra tão judaica. Por outro lado, como diz

Tevye, a força da obra é avassaladora e tocava a todos. Esse paradoxo plantou em mim um desejo, uma semente. É no paradoxo que mora a arte! Esse também era o paradoxo do Chagall: se equilibrar com as duas mãos atadas num instrumento tão delicado de som tão cristalino!

Dois anos se passaram e um grupo de produtores judeus de São Paulo, da Cia. “Conteúdo Teatral,” me chamaram para dirigir o musical. A princípio não acreditei, mas fiquei exultante com a possibilidade! Aquela semente ainda morava na minha alma e minha primeira pergunta foi: têm certeza? Não sou judeu! Isso não é um empecilho para vocês? Disseram-me que não e me deram a benção. Fiquei o mais grato dos artistas por alguns meses.

O primeiro obstáculo veio quando começamos a nos reunir antes das audições. Sou diretor e territorialista e sempre fui acostumado a estar só no meu momento de criação, desde as escolhas até as minhas reuniões com os criadores da minha equipe: cenógrafos, figurinistas, iluminadores. Um



Parte do elenco de “Um Violonista no Telhado”. Fonte: www.umviolinistanotelhado.com.br

pintor pinta um quadro, não vários pintores! Meus sócios e parceiros paulistas, judeus, conheciam a peça de cor e salteado, pois já tinham assistido inúmeras montagens. Já eu, ao contrário, estava trabalhando pela primeira vez sob encomenda, além de ter assistido a peça somente uma vez. Eles inclusive já tinham feito o musical como atores em São Paulo, num espetáculo amador, com êxito dentro da comunidade. E eu, nem judeu era! Tinham opiniões muito fortes a respeito de tudo e, como produtores associados, achavam que “deviam isso a nós”. Uma assessoria completa! Eu via o quanto eles eram fascinados e estavam felizes em poder me ajudar, mas me sentia para traz. Sabe o aluno que não fez o dever de casa? Aquilo me desestabilizou a princípio. Fiquei pisando em ovos, com medo de errar, de desagradar, de ofender e, por isso, escolhia palavras. Contudo, um artista com medo não cria! Já na audição, me sentia constantemente vigiado, desconfortável, e, algumas vezes, fui corrigido por expressar minhas opiniões a respeito de uma cena, uma fala, uma tradição ou um ritual. Outras vezes escutava algum deles ou algum judeu do elenco dizendo: “Um judeu, não faz isso ou aquilo; um judeu não abraçaria dessa forma, ou não entrelaçaria os dedos, ou não abaixaria cabeça, e não sentaria nesse momento ou não reagiria dessa ou daquela maneira!”. Aquilo foi me bloqueando e quase desisti do projeto. Pensava que, por mais que eu estudasse nunca me sentiria a altura e capaz.

Um dia, no entanto, na cena a qual marcamos o *Shabat*, percebi também que havia, entre os próprios judeus, opiniões completamente contrárias sobre o mesmo assunto, até mesmo sobre as próprias tradições e sobre alguns rituais, e vi que aquela acalorada discussão entre eles fazia parte da ancestralidade do povo. Essa era quase a essência do Torá oral! Cada um tinha sua interpretação e por que eu não poderia ter a minha? Ao entender mais sobre isso, vi uma gama infinita de discussões e possibilidades e isso parou de me assustar e ganhei ali minha identidade judaica mesmo sendo *goy*! Estava no jogo, dentro dele e, como um bom judeu, discutiria, interpretaria e analisaria o meu Violinista com quem quer que fosse e faria uma peça para todos: para todos os credos, para todos os povos, para os que crêem e para os que não crêem no tão querido Deus de Tévye! Com isso ganhei a confiança de todos e, principalmente, achei um fio condutor e resgatei minha auto-confiança. Tomei uma atitude. Era um acriação totalmente minha, um quadro pintado por uma mão. Isso tinha que sair da minha alma! Como

eu leria aquilo? Descobri que leria com a sensibilidade para aquilo que a obra transborda: Afeto! Esse foi o meu cursor, o Afeto!

Desde então me cerquei de consultores judeus fosse para danças, para gestos, para cenografias, para figurinos e para os rituais. Abri meus ensaios com workshops com três judeus de opiniões diferentes, falando sobre os mesmos temas. Isso ampliou, não apenas a minha capacidade de ver e entender, como também a capacidade do elenco de debater qualquer coisa!

Sendo assim, isolei-me e mergulhei na obra de Sholem Aleichem e vi o meu Violinista saindo: o Chagall estava saltando dos meus olhos! A aparente claustrofobia da obra ganhava contornos externos de florestas; dias e noites foram nascendo no quintal cheio de girassóis, estrelas e luas e fiquei completamente apaixonado por tudo que envolve essa peça: música, coreografia, contos, todo o universo *Yiddish*, judaico, me comoveu e e me converteu num ser humano melhor. Hoje sou mais terno, mais bem humorado diante de obstáculos, às vezes intransponíveis, e, entendo que as tradições estão aí para serem rompidas, mais do que isso, que é necessário criarmos outras tradições e assim é e será a eterna conversa de contrários! É o amargo e o doce juntos. Hoje entendo tudo em relação à insegurança dos meus sócios perante a mim. Eles estavam certos também. Como diria Tevye: “Você está certo, ele está certo também. Todos estão certos...”. Era só excesso de amor e zelo pela cultura deles e o respeito que eles têm pela obra, um amor que eu não tinha ainda, mais passei a ter! Ganhei meu passaporte para a ancestralidade: *Mazal tov!* O violinista me modificou... A peça me ensinou a brindar À VIDA! E hoje sei que, quando a gente fala da nossa aldeia, a gente fala do mundo todo. Foi esse sentimento que me pegou quando vi o musical em Londres, em 2009, e é isso que me pega ainda hoje! Existe um lugar em que todos os seres são iguais! Um lugar onde o sol é para todos! Mas é preciso abrir as janelas e deixar o sol entrar: ver essa luz nas frisas dos telhados invadindo nossas casas e vidas. Só vamos nos modificar quando sairmos dos guetos e nos mesclarmos; apreender com o outro a caminhar juntos, não na frente, nem atrás, mas ao lado, mesmo que na paralela, pois aprendi a respeitar os ritos; ter a aceitação completa do desconhecido; não ter tanto medo do outro, pois, se for preciso, a gente senta e discuti, analisa, interpreta e discorda para concordar e recomeçar sempre! À vida...